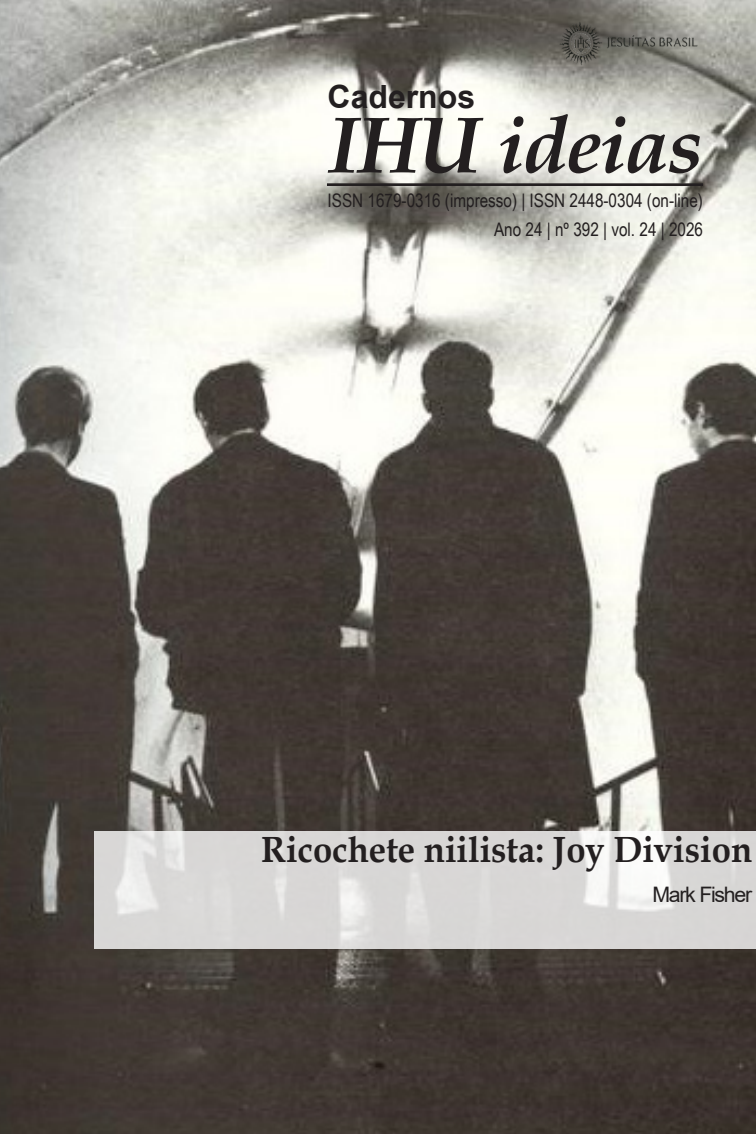


# Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | n° 392 | vol. 24 | 2026



**Ricochete nilista: Joy Division**

Mark Fisher

**Cadernos**  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 392 | vol. 24 | 2026

**Ricochete niilista:  
Joy Division**

**Mark Fisher**

**Tradução de Bráulio Rodrigues**

Doutor em Direito e mestre em Filosofia.  
Pós-doutorando em Universidade Federal do Pará (UFPA)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

### Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 392 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

**Conselho científico:** Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

**Projeto Gráfico:** Ricardo de Jesus Machado

**Responsável técnico:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** Mark Fisher. k-punk

**Editores:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Tradução:** Bráulio Rodrigues

Original disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/004725.html>

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

# Ricochete niilista: Joy Division

Mark Fisher

Escritor, crítico e teórico cultural



Se atirar em si mesmo, você se tornará Deus,  
não é mesmo?

Sim, eu me tornarei Deus.  
(Dostoiévski, *Os Demônios*)

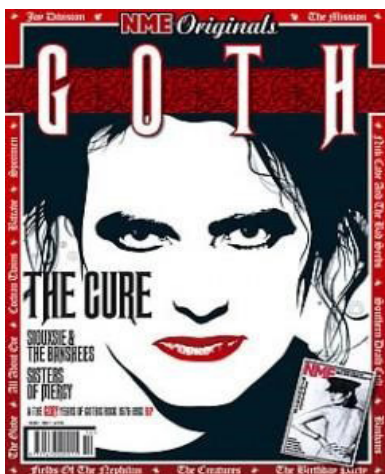
Pelo canto do olho eu o vi. Ele estava ajoelhado na cozinha. Fiquei aliviada - contente em ele ainda estar ali. "O que você está fazendo?" Dei um passo em sua direção, prestes a falar. A cabeça curvada, as mãos apoiadas sobre a máquina de lavar. Fitei-o; ele estava imóvel. Então vi a corda - eu não havia notado a corda. A corda do varal estava em volta do seu pescoço. Corri para a sala e peguei o telefone. Não, e se eu estivesse enganada - outro alarme falso. Corri de volta para a cozinha e olhei para seu rosto - um longo fio de saliva pendia de sua boca. Sim, ele realmente havia feito aquilo... (Deborah Curtis, *Touching from a Distance: Ian Curtis and Joy Division*, 133)

**E**ntão aí está: sublimação e dessublimação. O suicídio como essa Obra de Arte Teológica ("Eu me tornarei Deus") e o suicídio como uma bagunça patética ("um longo fio de saliva") para outra pessoa limpar.

Esta postagem tem sido inevitável por mais de duas décadas. Mas ela recebeu um ímpeto particular devido a três encontros recentes.

1. O especial sobre o gótico da revista NME, que, entre outras coisas, reúne as críticas sobre o Joy Division. Estranho, em muitos aspectos, vê-los canonizados como príncipes góticos. Não havia dúvida, é claro, de que o som deles era ferozmente expressionista - um som que era, de fato, muito mais genuinamente gótico do que o daquelas figuras pantomímicas com rostos que poderiam ser, muito bem, retirados do *Gabinete do*

Dr. Caligari. Sim, o Joy Division, com o “feitiço desolado” dos Peninos pesando sobre eles, produziu o que Jon Savage chamou de “a declaração definitiva do Gótico do Norte”. Eles haviam transmutado “a umidade de Manchester, as sombras e os presságios invocados a uma existência pavorosa pelas colinas e pântanos que espreitavam o limite da visão” (Morley) em um Pop maquinico e sombrio - um terminal gótico da “linha do Norte” - de um Pop com *rigor mortis* para um mecanismo ansioso. No entanto, a austeridade da imagem do Joy Division - e sua recusa encenada das telas (*Image*) - os colocava em desacordo com a pantomima pós-Bowie dos Banshees, do The Cure, do Bauhaus e de sua prole de “xerox-da-xerox” em sucessivos desgastes. Eles eram góticos, mas certamente não *goths*.



2. A conversa com Kodwo na conferência *Noise*, ali havia falas extraídas de textos sobre *Closer* e *Movement*. Kodwo reconheceu que “seguir em frente” a partir do Joy Division envolvia uma negação, no sentido mais forte da palavra. “Não consigo evitar sentir esta música como uma parte ausente do meu corpo, uma parte que sacrifiquei no altar da vida negra britânica”. O Joy Division era uma seita, mas não uma seita qualquer, tratava-se de uma seita hermética, uma seita daqueles que não pertenciam e que não queriam pertencer – uma comunhão de quarto entre pessoas que jamais se conheceriam.

O New Order, mais do que qualquer outra banda, estava em fuga do edifício-mausoléu do Joy Division, e tinha finalmente alcançado a ruptura por volta de 1990. A canção da Copa do Mundo da Inglaterra, farreando com o beerrão e malicioso Keith Allen – um homem que, para mim, personifica mais do que qualquer outro o masculinismo cotidiano da cultura “Brit bloke”, algo do *mainstream* do fim dos anos 80 e 90 – foi um ato consumado de dessublimação. Este, no fim das contas, foi o “preço para escapar da angústia da influência (a influência de si mesmos)”. Em *Movement*, eles ainda estavam em estresse pós-traumático, congelados em um transe mal comunicativo (“*The noise that surrounds me / so loud in my head...*”). “Eles estavam se movendo em direção a uma fusão eletrônica pós-punk para a qual simplesmente ainda não existiam regras. É quase como se o que eles começaram aqui – em ‘Doubts Even Here’ e especialmente em ‘The Him’, com aquela saraivada acústica, como uma nevasca fustigando o para-brisa – os tivesse assustado, e eles recuaram para alguma coisa mais controlável”.

3. Aquele papo com Mark Sinker na festa de Natal do k-punk/Infinite Thought. Estava claro que Mark e eu estávamos em lados opostos de uma ruptura irrevogável, ou corte temporal, um cronoabismo cultural.

Só fui ouvir Joy Division em 1982. Então, para mim, Curtis estava sempre já morto (o enforcado, o presságio de um não tempo que circula sem fim através de mídias sem vida). Mark, no entanto, vivenciou a morte de Curtis “em devir” – como um fechamento de possibilidades que eram até então muito vívidas, como contingência e não como uma necessidade, como bagunça e não como Mito.

Mesmo que eu mal pudesse ter consciência disso naquela época, em 1982 o pop vivia de energia armazenada, uma execução de fórmulas e desígnios já produzidos, mas agora descontinuados. A fonte esgotou, colapsou na estrela morta chamada Ian Curtis. A morte de Curtis distorceu tudo na paisagem pop, removeu a urgência do impulso modernista de reinventar-se indetermindamente, fornecendo um alibi para aqueles que queriam recuar, retornar a algo mais palatável.

Tudo já havia acontecido, embora não soubéssemos ainda. Na verdade, porém, a retirada do modernismo punk para o pós-modernismo, do *avant-pop* para o *New Pop*, havia sido quase imediata, afirmou Mark. “As pessoas achavam que, se possível, prefeririam, como parte de seu trabalho, não ter que se enforcar”.

## ASILOS COM PORTAS ESCANCARADAS

Quando ouvi Joy Division pela primeira vez, aos 14 anos, foi como aquele momento em *À beira da loucura* (*In the Mouth of Madness*) quando Sutter Cane força

John Trent a ler o romance, a hiperficção na qual ele já está imerso: toda a minha vida futura, o Bem e o Mal, intensamente compactados naquelas imagens sonoras com uma potência deliReal [delírio e real] – Ballard, Burroughs, *dub*, disco, Gótico, antidepressivos, enfermarias psiquiátricas, overdoses, pulsos cortados. Estímulo demais para sequer começar a assimilar. Mesmo eles não entendiam o que estavam fazendo. Então, como eu poderia?

Ficou claro, nas melhores entrevistas que a banda já deu – a Jon Savage, uma década e meia após a morte de Curtis – que eles não tinham ideia do que estavam fazendo e nenhum desejo de aprender. Sobre os espasmos de transe de Curtis no palco, perturbadores e magnéticos, e sobre as palavras catatônicas e depressivas, também perturbadoras e magnéticas, eles nada disseram e nada perguntaram, por medo de destruir a magia. Necromantes involuntários tropeçando em uma fórmula para canalizar vozes; aprendizes sem um feiticeiro.

Eles se viam como golens irracionais animados pelas visões de Curtis (assim, quando ele morreu, disseram que sentiam ter perdido os olhos...). Como Mark colocou em seu texto sobre os primeiros EPs na *The Wire* (há mais de uma década!): “embora os primeiros estilhaços opressores da música do Joy Division sejam punk no som, não há muita clareza sobre isso. Isto, mais do que qualquer outra coisa, se tornará a sua assinatura – tudo sobre eles será avidamente capturado, floridamente discutido e permanecerá inexplicado. Física até o excesso, a música exhibe todos os signos do cerebral e nenhum do seu conteúdo – invenção jorra

desses gênios-estúpidos, tão despidos de segundas intenções que as segundas intenções são tudo o que muitos notam”.

Acima de tudo, e mesmo que apenas por causa da recepção da audiência, eles eram mais do que um grupo pop, mais do que entretenimento, isso é óbvio. É por isso que eles são tamanho embaraço, sim, uma parte renegada do nosso próprio corpo. Sabemos todas as palavras como se as tivéssemos escrito nós mesmos, pois seguimos, nas letras, pistas perdidas para toda sorte de câmaras mais escuras, e ouvir os álbuns agora é como vestir um conjunto de roupas confortável e familiar...

Mas quem é esse “nós”? Ora, talvez tenha sido o último “nós” do qual toda uma geração de “não chegados a machos” pôde se sentir parte. Havia uma universalidade estranha disponível para os devotos do Joy Division (desde que você fosse homem, é claro). Olhe para aqueles em quem eles deixaram sua marca, a quem eles ainda assombram: Savage, Morley (que fez uma arte do ato de *não* escrever sobre eles), Sinker, Eshun, Bohn, eu. Gays, negros, héteros, brancos, pós-modernos, anti-pós-modernos: o momento em que você podia se considerar um do “nós” do Joy Division – “as dores que **nós** sofremos e das quais nunca fomos livres” – é agora pré-lapsário; um tempo antes de terem sido cozinhadas as camisas de força nas quais a política de identidade fez sob medida para nós.

Desde que você fosse homem, claro... A religião Joy Division era, autoconscientemente, uma coisa de garotos. O grupo queria assim e nós, nós compactuávamos. Deborah Curtis: “Intencionalmente ou não, as esposas e namoradas tinham sido gradualmente bani-

das de todos os shows, exceto os mais locais, e uma curiosa união masculina tomou lugar. Os garotos pareciam se divertir uns com os outros” (77) Garotas não eram admitidas...



Ian e Deborah Curtis no dia do seu casamento.

## NESTA COLÔNIA

**A**gora, tente imaginar a Inglaterra em 1979...

Pré-videocassete, pré-PC, pré-Canal 4. Telefones longe de onipresentes (não tivemos um até por volta de 1980, eu acho). O consenso do pós-Guerra se desintegrando na TV em preto e branco.

Simon escreveu, cerca de um ano atrás, sobre “a completa mediocridade da Inglaterra no fim dos anos 70, de Jim Callaghan, Grunwick e o ‘Inverno do Descontentamento’, impregnando tudo, desde as roupas e o cabelo das pessoas até as placas de propaganda e a monotonia da cultura anterior a qualquer estilo (o Reino Unido parecia um país do Bloco Oriental)”. Mais do

que qualquer outro, o Joy Division transformou essa austeridade em um uniforme que significava, de forma autoconsciente, a autenticidade absoluta; a formalidade deliberadamente funcional de suas roupas rompia com o antiglamour tribal do punk – “deprimidos vestindo-se para a depressão” (Deborah Curtis). Não foi à toa que se chamavam “Warsaw” [Varsóvia] quando começaram.



Mas foi neste Bloco Oriental mental (e da economia política – afinal, o Reino Unido nos anos 70, com suas indústrias nacionalizadas e escleróticas, o poder sindical corrupto e soviético, e o trabalhismo anti-comercial, estava muito mais próximo da URSS do que qualquer membro da classe dominante britânica gostaria de admitir na época), foi neste lamaçal de desalento, que se podia encontrar garotos da classe trabalhadora, jovens compositores imersos em Dostoiévski, Conrad, Kafka, Burroughs, Ballard, garotos que, sem nem pensar nisso, eram modernistas rigorosos e que teriam desdenhado repetir a si mesmos, muito menos desen-

terror e imitar o que havia sido feito vinte, trinta anos atrás – em 1979, os anos 70 eram um grande cinejornal *Pathé* desbotado.

A afirmação de Chris Bohn de que “o Joy Division estava fazendo uma música inteiramente branca e europeia, que quase nada devia a qualquer passado do rock; e essa era a ruptura deles com a tradição” é simplista demais, e enganosa, porque descartar completamente a imensa influência de Morrison, Reed e Pop no Joy Division seria ignorar como operava a anglicização deles. É preciso considerar o que aconteceu com todos esses antepassados no cadinho do Joy Division. Com efeito, o JD acelerou o “tornar-se-europeu” deles: pegou o Lou Reed do [álbum] *Berlin* e o Iggy Pop que gravou em Berlim; pegou esses pontos de partida, que já eram interseções, e subtraiu o que restava de “americanismo”. O *Art Rock* sempre envolveu uma fuga da terra firme e daquilo que os “roqueiros de raiz” (*rockist rootists*) chamam de autenticidade – que é também o que críticos como Bangs e Marcus gostam de pensar como algo quintessencialmente americano. A única autenticidade que o Joy Division desejava era a autenticidade existencial, algo que, longe de ser inimigo da artificialidade, encontra nela a sua expressão (não existe o natural, a Natureza ainda está em fase de produção...).



Lá em 79, o *Art Rock* ainda mantinha uma relação com a experimentação sonora do Atlântico Negro, nem que fosse apenas porque ela poderia lhe ser **útil**. Impensável hoje, mas o Pop Branco daquela época não era estranho à vanguarda, de modo que um intercâmbio genuíno era possível. Bowie e o Roxy Music deram ao Atlântico Negro pelo menos tanto quanto extraíram dele. E o Joy Division forneceu ao Atlântico Negro algumas “técnicas-conceito” (*concepttechnics*), algumas ficções, que ele pôde redistribuir. Pergunte a Grace Jones ou a Sleazy D.

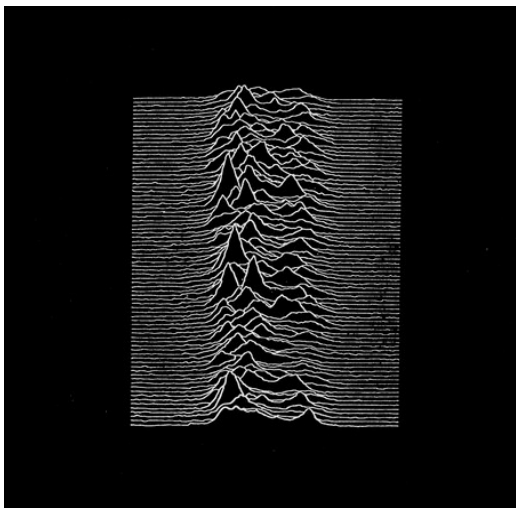
Apesar de tudo isso, a relação do Joy Division com o Pop Negro era muito mais oclusa do que a de alguns de seus pares. A ruptura do pós-punk com o *rock and roll lumpem* do punk consistiu, em grande medida, num retorno-reivindicação ostensivamente sinalizado do Pop Negro: do funk e do *dub*, especialmente. Não havia nada disso, pelo menos na superfície, com o Joy Division.

Mas a abordagem do *dub* por um grupo como o PiL soa, hoje, um pouco laboriosa, um pouco literal, enquanto o Joy Division, como o The Fall, surgiu como

um equivalente anglo e branco do *dub*. Ambos, Joy Division e The Fall, eram “Negros” nas prioridades e economias de seu som: movidos pelo baixo e pelo ritmo.

Isto era o *dub* não como uma forma, mas como uma metodologia, uma legitimação para conceber a produção sonora como engenharia abstrata. Pois o Joy Division também tinha uma relação com outro som, “Negro”, supersintético, artisticamente artificial: a *disco music*. De novo, foram eles, melhor do que o PiL, que entregaram a batida da “Death Disco”. Como Savage adora ressaltar, os sintetizadores de percussão (*syn-drums*) fervilhantes em “Insight” (“como um enxame de abelhas no córtex” – Bohn) parecem ter sido emprestados de discos característicos da *disco music* como “Knock on Wood”, de Amii Stewart.

O papel em tudo isso era de Martin Hannett, um produtor que precisa ser contado entre os maiores da história do pop, não pode ser subestimado e não deveria ser pouco celebrado. É Hannett, ao lado de Peter Saville, o *designer* das capas do grupo, quem garantiu que o Joy Division fosse mais “arte” do que “rock”. A névoa úmida de efeitos sonoros de uma *listening* inquietante e insinuante com a qual Hannett envolveu a mixagem, juntamente com os *designs* despersonalizantes de Saville, significava que o grupo poderia ser abordado não como um conjunto expressivo de sujeitos individuais, mas como uma consistência conceitual (o que o capitalismo chamaria de uma *marca* – e, por sinal, o *Art Rock* através do punk foi um dos meios pelos quais o capitalismo britânico descobriu o charme da identidade visual corporativa).



Hannett (“o verdadeiro sucessor de Eno”, como diz Sinker) e Saville transformaram o estilo rebelde e “neurromântico” do Warsaw em algo *cyberpunk*. O universo de William Gibson era muito mais a cara de Hannett e Saville do que do próprio Ian Curtis.

## CURSO PARA O CENTRO DO SOL NEGRO

O que impressionava e perturbava no Joy Division era a natureza *fixada* na negatividade. “Inabalável” não era a palavra. Sim, Lou Reed, Iggy, Morrison e Jagger haviam flertado com o niilismo – mas, mesmo com Iggy e Reed, isso fora atenuado por algum momento bizarro de exultação, ou, pelo menos, havia alguma *explicação* para a sua miséria (frustração sexual, drogas).

O que separava o Joy Division de qualquer um de seus predecessores, mesmo os mais sombrios, era a falta de todo e qualquer aparente “objeto-causa” para sua melancolia (foi isso que a tornou *melancholia* em vez de apenas *melancholy* - esta última sempre tendo sido um deleite aceitável e sutilmente sublime para os homens desfrutarem). Desde os seus primórdios (Robert Johnson, Sinatra), o pop do século XX teve mais a ver com a tristeza masculina (e feminina) do que com a euforia. No entanto, no caso tanto do *bluesman* quanto do *crooner*, existe, ao menos ostensivamente, um *motivo* para o pesar. Como o desolamento do Joy Division não possuía uma causa específica, eles cruzaram a linha entre o azul da tristeza e o preto da depressão, atravessando para os “desertos e terras devastadas” onde nada traz nem alegria nem dor. Afeto zero.



Não havia calor nos ombros do Joy Division. Eles observavam “os problemas e os males deste mundo” com o desapego inquietante do neurastênico. Curtis cantava “perdi a vontade de querer mais” em “Insight”, mas não havia a sensação de que tal vontade

tivesse existido em primeiro lugar. Ouçamos suas canções mais antigas casualmente e você poderemos facilmente confundir o tom deles com a indignação do punk agressivo; mas, ali, já é como se Curtis não estivesse protestando contra a injustiça ou a corrupção, mas sim arregimentando-as como provas para uma tese que já estava, desde então, firmemente estabelecida em sua mente.

A depressão é, afinal e acima de tudo, uma *teoria* sobre o mundo, sobre a vida.

A estupidez e a venalidade dos políticos (“Leaders of Men”), a idiotice e a crueldade da guerra (“Walked in Line”) são apontadas como evidências em um processo contra o mundo, contra a vida, que é tão avassalador, tão geral, que apelar para qualquer instância particular parece supérfluo. De qualquer forma, Curtis não espera mais de si mesmo do que espera dos outros; ele sabe que não pode condenar a partir de uma superioridade moral: ele “deixou que te usassem / para seus próprios fins” (“Shadowplay”), ele deixará você ocupar o lugar dele em um confronto final (“Heart and Soul”).

A depressão não é tristeza, nem mesmo um estado de espírito; é uma (dis)posição (neuro)filosófica.



Para além da oscilação bipolar do pop entre o entusiasmo evanescente e o hedonismo frustrado; para além do mefistofelismo miltoniano de Jagger; para além do “parque de diversões negado” de Iggy Pop; para além da melancolia reptiliana de (*lounge lizard*) do Roxy Music – para além, enfim, do próprio princípio do prazer –, o Joy Division foi o mais schopenhaueriano dos grupos de rock, tanto que eles mal pertenciam ao rock. Já que haviam removido tão completamente o motor libidinal do rock – “O sexo desapareceu desses prazeres desconhecidos; trata-se de um rescaldo de paixão no qual tudo está (talvez) perdido” (Bohn) –, seria melhor dizer que eles eram, tanto libidinal quanto sonoramente, o *anti-rock*.

Ou talvez, como eles mesmos pensavam, eles fossem a verdade do rock. O rock despojado de todas as ilusões (o deprimido está sempre confiante de uma coisa: de que ele não tem ilusões).

## ACEITE COMO MALDIÇÃO UM ACORDO AZARADO

“E aqui estão os extremos do pop: o mascarar do mundo das aparências, e o desmascarar.” – Morley

O JD seguiu Schopenhauer através do véu de Maia, foi além do Jardim dos Deleites de Burroughs e ousou examinar as máquinas hediondas que produzem o mundo-como-aparência. O que eles viram lá? Apenas o que todos os deprimidos, todos os místicos, sempre veem: o obsceno espasmo zumbi da Vontade enquanto ela busca manter a ilusão de que *este* objeto – aquele no qual ela está fixada AGORA, *este* aqui – irá satisfazê-la de uma forma que todos os outros objetos falharam até então. O Joy Division, com uma sabedoria antiga (“Ian parecia velho, como se tivesse vivido uma vida inteira em sua juventude” – Deborah Curtis), uma sabedoria que é pré-mamífera, pré-vida multicelular, pré-orgânica, enxergou através de todos esses truques reprodutivos. Este é o “Insight” que paralisou o medo em Curtis, o desespero calmante que subjogou qualquer vontade de querer mais.

No entanto, essa sabedoria não trouxe prazer, obviamente. O JD via a vida como o Poe de “The Conqueror Worm” havia visto, como Ligotti a vê: uma dança de marionetes automatizada, que ocorre “Through a circle that ever returneth in/ To the self-same spot”, uma cadeia de eventos ultradeterminada que segue seus movimentos com uma inevitabilidade implacável. Você assiste ao filme pré-roteirizado como se estivesse de fora, condenado a ver os rolos de filme chegarem ao fim, levando seu tempo de forma brutal.

Recentemente, um aluno meu escreveu, em um ensaio, que simpatiza com Schopenhauer quando seu time de futebol perde. Mas os verdadeiros momentos schopenhauerianos são aqueles em que *alcançamos* os nossos objetivos, talvez realizamos o desejo mais acalentado do nosso coração – e nos sentimos enganados, vazios; não, mais – ou seria menos? – do que vazios: *esvaziados*. O Joy Division sempre soou como se tivesse experimentado um desses esvaziamentos desoladores vezes demais, de modo que não podiam mais ser atraídos de volta para o carrossel. Eles sabiam que a saciedade não era sucedida pela *tristesse*; ela era, imediatamente, a própria *tristesse*. A saciedade é o ponto em que devemos encarar a revelação existencial de que não queríamos realmente o que parecia tão desesperado para ter; que nossos desejos mais urgentes são apenas um truque vitalista sujo para manter o show na estrada. Se “não podemos substituir o medo ou o frêmito da caça”, por que nos dar ao trabalho de perseguir mais uma presa vazia? Por que continuarmos com a farsa?

Como diz Scanshifts, a ontologia depressiva é perigosamente sedutora porque, como o gêmeo zumbi do desaparecimento impassível de Espinosa, ela é “meia verdade”. À medida que o deprimido se retira das confecções vacantes do mundo da vida, ele involuntariamente se encontra em concordância com a condição humana tão minuciosamente diagramada por Espinosa: ele se vê como um consumidor em série de simulações vazias, um viciado fisgado por todo tipo de entorpecente barato, um fantoche das paixões da carne. O deprimido não pode nem sequer reivindicar o conforto que um paranoico desfruta, pois não consegue acreditar que as

cordas estejam sendo puxadas por Alguém. Sem fluxo, sem conectividade no sistema nervoso do deprimido. É uma condição de “cérebro seco” (*dry brain*) (Eliot).

O deprimido é incapaz de atravessar para o outro lado, de ver que a análise da causação mecânica de sua miséria é o primeiro passo para escapar de si mesmo e, com isso, do Sistema Operacional humano. Assim, ele permanece um *Outsider* que ainda não está do lado de fora (*on the Outside*), excluído do Sistema Operacional Dominante, mas incapaz de tornar habitáveis os buracos e poços abandonados além da Ordem Simbólica; um neurótico, não um psicótico.

## O SOM DOS LARES DESFEITOS

A neurose era a forma de arte de Curtis, assim como a psicose era a de Mark E. Smith.

Nada poderia ter sido mais apropriado do que [o álbum] *Unknown Pleasures* começar com uma faixa chamada “Disorder” (Transtorno), pois a chave para o Joy Division era a paisagem espinhal ballardiana, o nexo ligando a psicopatologia individual à anomia social. Os dois significados de *breakdown* (colapso nervoso e falha mecânica), os dois significados de depressão [econômica e mental].

Era assim que Sumner via a coisa, de qualquer forma. Como ele explicou a Savage:

Havia um enorme senso de comunidade onde vivíamos. Lembro-me das férias de verão quando eu era criança: ficávamos acordados até tarde brincando na rua, e à meia-noite havia velhinhas conversando entre si. Acho que o que aconteceu nos anos 60 foi que o conselho decidiu que isso não era muito saudável,

e algo tinha que ir embora, e infelizmente foi o meu bairro que se foi. Fomos levados para o outro lado do rio, para um conjunto de edifícios residenciais. Na época, achei fantástico; agora, é claro, percebo que foi um desastre absoluto.

Eu tive várias outras rupturas na minha vida. Então, quando as pessoas falam sobre a escuridão na música do Joy Division, aos 22 anos eu já tinha tido muitas perdas na minha vida. O lugar onde eu morava, onde tinha minhas memórias mais felizes, tudo aquilo tinha ido embora. Tudo o que restou foi uma fábrica de produtos químicos. Percebi então que nunca poderia voltar àquela felicidade. Então, há esse vazio.

Sob o capitalismo, o social intervém para tornar a transição da infância para “o caixão (*coffin*) cujo nome é idade adulta” (Eshun) duplamente traumática. Não é apenas que foram perdidas “a proteção e a guarda da infância”; é que todo o mundo da nossa infância foi reurbanizado, demolido por tratores, reduzido a uma caixa cheia de fotografias monocromáticas. *Eles estão reconstruindo a cidade... Sim, sempre...*

Iluminado por lâmpadas fluorescentes, o capitalismo 24 horas enxerta o ciclo maníaco-depressivo de uma economia artificial sobre os ritmos “naturais” das estações. O Kapital é literalmente extraterrestre, já que suas guinadas enlouquecidas da exuberância irracional ao pavor irracional, do *boom* à depressão, não guardam relação com os processos da Terra.

Um impasse se instala no fim dos anos 70. Lá estava o Joy Division: Curtis fazendo o que a maioria dos homens da classe operária ainda fazia – casamento

precoce e um filho -, já os outros, presos nos infernos lentos e silenciosos nos quais a maior parte do proletariado suporta a vida de trabalho infinito.

*Sinta o cerco se fechar*

**S**umner novamente:

Quando saí da escola e consegui um emprego, a vida real veio como um choque terrível. Meu primeiro emprego foi na prefeitura de Salford, colando envelopes, enviando cobranças de impostos. Eu estava acorrentado naquele escritório horrível: todo dia, toda semana, todo ano, com talvez três semanas de férias por ano. O horror me envolveu. Portanto, a música do Joy Division era sobre a morte do otimismo, da juventude.

*Dia após dia*

**O**Joy Division conectou-se não apenas pelo que eram, mas *quando* eram. Margaret Thatcher acabara de chegar, o longo inverno cinzento da *Reaganomics* estava a caminho, a Guerra Fria ainda alimentava nosso inconsciente com pesadelos de derreter retinas para uma vida inteira.

O JD era o som da ressaca de anfetamina (*speed comedown*) da cultura britânica, um longo e lento fechamento neural gritante. Desde 1956, quando Eden tomou anfetaminas durante a crise de Suez, passando pelo pop dos anos 60 - que foi impulsionado pelos Beatles ultrapassando todos os limites, à base de anfetaminas, em Hamburgo -, até o Punk, que consumia *speed* como se não houvesse amanhã, a Grã-Bretanha esteve, em todos os sentidos, acelerando (*speeding*). O

*Speed* é uma droga de conectividade, uma droga que fazia sentido em um mundo onde as conexões eletrônicas proliferavam loucamente. Mas a ressaca é brutal.

Esgotamento massivo de serotonina.

Colapso de energia.

*Ligue a sua TV.*

*Diminua a sua pulsação.*

*Vire as costas para tudo isso.*

*Tudo está ficando*

*Demais.*

***Uma arma carregada não vai libertá-lo – é o que você diz.***



Última foto de Ian Curtis tirada por Deborah, 13 de maio de 1980.

Após refletir sobre a letra de “New Dawn Fades”, abordei o assunto com Ian, tentando fazê-lo confirmar que eram apenas letras e que não tinham semelhança com seus verdadeiros sentimentos. Foi uma conversa unilateral. Ele se recusou a confirmar ou negar qualquer um dos pontos levantados e saiu de casa. Em vez disso, fui deixada questionando a mim mesma, mas não me sentia próxima o suficiente de mais ninguém para dar voz aos meus medos. Teria ele realmente se casado comigo sabendo que ainda pretendia se matar no início dos seus 20 anos? Por que ser pai de uma criança quando você não tem intenção de estar lá para vê-la crescer? Teria eu sido tão cega à sua infelicidade que ele foi forçado a escrever sobre ela? (*Touching from a Distance*, 85).

Os grandes debates sobre o Joy Division – seriam eles anjos caídos ou sujeitos comuns? Eram fascistas? O suicídio de Curtis foi inevitável ou evitável? – todos giram em torno da relação entre a arte e a vida.



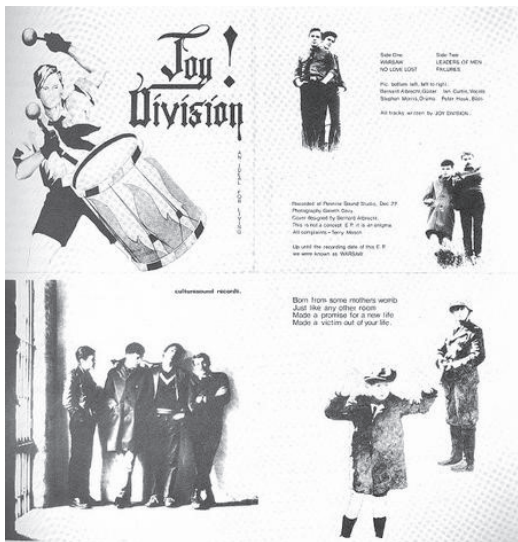
Devemos resistir à tentação de sermos seduzidos – como pelo canto da Lorelei – tanto pelos estetas românticos (em outras palavras, pelas nossas versões juvenis) quanto pelos empiristas rudes (*lumpen empiricists*). Os estetas querem o mundo prometido pelas aparências e pelo som: um reino imaculado em preto e branco, não maculado pelos compromissos sujos e constrangimentos do cotidiano. Os empiristas insistem justamente no oposto: em enraizar as canções de volta no cotidiano em seu nível menos elevado e, mais importante, em seu nível menos *sério*. “Ian era uma piada, a banda era composta por jovens que gostavam de encher a cara, era tudo apenas uma diversão que saiu do controle...”.

É importante reter esses dois Joy Divisions – o Joy Division da arte pura e o Joy Division que era “apenas uma diversão” – simultaneamente. Pois, se a verdade do Joy Division é que eles eram apenas “rapazes” (*lads*), então o Joy Division também deve ser a verdade do *Laddism*.

E assim parece ser: por trás de toda a alegria movida a álcool e antidepressivos das últimas duas décadas, as doenças mentais aumentaram cerca de 70% entre os adolescentes (se não acredita, basta colocar vinte adolescentes em uma sala e olhar para os seus braços). O suicídio continua sendo uma das causas mais comuns de morte entre jovens do sexo masculino.

Uma conjectura: se a depressão feminina é uma resposta ao que elas são forçadas a suportar – se ela é, por assim dizer, contingente –, então há algo de *necessário* na depressão masculina, algo que vai além do circunstancial. O impulso de morte é mais forte no macho da espécie; os jovens com o “peso nos ombros”. Se

o Tânatos alimentado pela testosterona não pode saciar sua luxúria de morte na guerra, esse travará uma guerra contra e dentro de si mesmo.



Isso poderia explicar a relação enigmática do Joy Division com o fascismo. Lembre-se de que a análise de Virilio/Deleuze-Guattari sobre o fascismo sustenta que este é essencialmente autodestrutivo: uma linha de pura abolição. Como tal, o fascismo é apenas o nome para mais uma variante do desejo romântico pela noite, na qual toda identidade, toda individuação, é subsumida em “uma experiência estética e extática de Comunidade” (Žižek).

Para o sonhador romântico tanatoide, a vida é uma bagunça excessiva, um emaranhado de pontas soltas que nunca se unem. Somente naquilo que Žižek, seguindo Kierkegaard, chama de “suspensão estética do político” é que a arte pode se tornar vida. Isto é, a arte só pode se tornar vida por meio da morte... quando o artista se torna um com os quadros congelados (*frozen tableaux*) que ele mesmo criou.

Entrei na casa dos meus pais sem acordar ninguém e dormi segundos após minha cabeça tocar o travesseiro. O som seguinte que ouvi foi: “Este é o fim, belo amigo. Este é o fim, meu único amigo, o fim. Nunca olharei em seus olhos novamente...”. Com surpresa ao ouvir “The End” do The Doors, lutei para despertar. Mesmo enquanto dormia, eu sabia que era uma música improvável para a *Radio One* em uma manhã de domingo. Mas não havia rádio – era tudo um sonho (*Touching from a Distance*, 132).

## Mark Fisher



**M**ark Fisher (1968-2017) foi um escritor, crítico, teórico cultural e pesquisador visitante na Goldsmiths, University of London. Ele escreveu os livros *Capitalist Realism: Is There No Alternative?* (2009), *Ghosts of My Life* (2014) e *The Weird and the Eerie* (2017), entre outros. Inicialmente, ganhou reconhecimento por seu blog *k-punk* no início dos anos 2000 e por seus escritos sobre política radical, música e cultura popular. Contribuiu para publicações como *The Wire*, *Fact*, *New Statesman* e *Sight & Sound*. Em 1995, participou da criação do grupo estudantil *Cybernetic Culture Research Unit*.



## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert  
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring  
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke  
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas  
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini  
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez  
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho  
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri  
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki  
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios  
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas  
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição  
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores  
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern  
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza  
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana  
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto  
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot  
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley  
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig  
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel  
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine  
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann  
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins  
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva  
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta  
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil  
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson  
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz  
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho  
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz  
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa  
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira  
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden  
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes  
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida  
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins



- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airosa da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini



- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyra de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eloir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Feraboli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio

 UNISINOS